

Utilização da TIC em Prol dos Alunos com Dificuldades de Aprendizagem pelas Equipes do PIBID e do OBEDUC.

Araujo, Doracina Aparecida; Araujo, Elson Luiz; Freitas, Edinéia; Santos y Raquel.

Cita:

Araujo, Doracina Aparecida; Araujo, Elson Luiz; Freitas, Edinéia; Santos y Raquel (2014). *Utilização da TIC em Prol dos Alunos com Dificuldades de Aprendizagem pelas Equipes do PIBID e do OBEDUC. VIII Jornadas de Sociología de la UNLP. Departamento de Sociología de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, La Plata.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-099/589>

UTILIZAÇÃO DA TIC EM PROL DOS ALUNOS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM PELAS EQUIPES DO PIBID E DO OBEDUC.

Doracina Aparecida de Castro Araujo – UEMS – doracina@gmail.com

Elson Luiz de Araujo – UEMS – elsonla@gmail.com

Edinéia da Silva Freitas – UEMS – edineia2001@gmail.com

Raquel Marques Ribeiro dos Santos – raqueluems@gmail.com

Otro de los aspectos clave que hacen al entorno de las Organizaciones de Trabajadores Desocupados en su utilización de las TIC se relaciona con las condiciones educacionales y culturales de la población que las conforman. Sebastián Benitez Larghi.

Introdução

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e o Observatório da Educação (OBEDUC), são duas propostas da CAPES/Brasil para contribuir com a Educação Básica. Propostas estas que entrelaçam ações e envolvem docentes dos Programas de Pós-Graduação, docentes e discentes do Ensino Superior e toda a comunidade, interna e externa, de escolas da Educação Básica, da Educação Infantil ao Ensino Médio.

O PIBID e o OBEDUC são propostas que envolvem cursos de Ensino Superior de Instituições públicas, comunitárias e privadas do Brasil. De forma singular, será apresentado o subprojeto realizado em conjunto pelas equipes do PIBID e do OBEDUC, na UEMS, Unidade Universitária de Paranaíba e em duas escolas públicas estaduais do município de Paranaíba-MS, com maior abrangência em uma, que desde 2011 aceitou a Proposta do PIBID na Escola.

A ação do subprojeto realizada pela equipe do PIBID, iniciou em 2012, sendo ampliada em 2013, com o ingresso da equipe do OBEDUC. Foram realizadas várias atividades com a utilização da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), com o objetivo de “Contribuir com os alunos dos 3º, 4º e 5º anos iniciais do Ensino Fundamental para que os mesmos se apropriassem do conhecimento por meio do mundo letrado, a fim de propiciar-lhes oportunidades de acompanhamento dos conteúdos trabalhos na série em que estão matriculados” (ARAÚJO; COUTINHO, 2012, n.p.).

Na equipe de planejamento, execução e avaliação do subprojeto estão envolvidos bolsistas de graduação do PIBID e do OBEDUC, professores bolsistas da Educação Básica, discentes bolsistas do OBEDUC do mestrado em Educação e dois docentes do Ensino Superior - a coordenadora de área do PIBID e o coordenador do OBEDUC. Para compreender a organização desse trabalho, foram apresentados os objetivos do PIBID e do OBEDUC, para

ampliar a compreensão das duas propostas em desenvolvimento na UEMS de Paranaíba-MS, vinculadas aos cursos de Pedagogia e Mestrado em Educação.

O PIBID tem como finalidade o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. O Programa concede bolsas a alunos de cursos de licenciatura que participam de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES), em conjunto com escolas da educação básica da rede pública de ensino (CAPES, 2014a). Para cumprir suas intenções a CAPES definiu seis objetivos, que estão disponibilizados no Site da CAPES, que envolvem formação inicial, em exercício e contínua. Dentre os objetivos citamos o quarto:

[...]; - inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem; [...]. (CAPES, 2014a, n.p.).

A menção a esse quarto objetivo é por entender que ele está associado diretamente às ações do PIBID/Paranaíba/UEMS, que destaca como objetivo geral “[...] potencializar a reflexão/ação/reflexão dos discentes em formação inicial do curso de Pedagogia, para que possam, posteriormente, na condição de educadores, realizar um trabalho coletivo, contribuindo com os educadores em exercício nas escolas em que irão atuar” (PIBID/PARANAÍBA, 2011, n.p.), em especial ao Projeto desenvolvido na Escola.

O objetivo mencionado também se articula ao objetivo do OBEDUC, que é de “[...] fomentar estudos e pesquisas em educação, que utilizem a infra-estrutura disponível das Instituições de Educação Superior – IES e as bases de dados existentes no INEP” (OBEDUC, 2014b, n.p.). O OBEDUC tem como objetivo principal “[...] proporcionar a articulação entre pós-graduação, licenciaturas e escolas de educação básica e estimular a produção acadêmica e a formação de recursos pós-graduados, em nível de mestrado e doutorado” (OBEDUC, 2014b, n.p.).

A equipe do OBEDUC que desenvolve a proposta na UEMS de Paranaíba, busca apoiar os debates acerca da indisciplina, incivilidade e violência no cotidiano escolar, considerando os saberes e desencontros das práticas pedagógicas de socialização e de prevenção nas escolas de Ensino Fundamental e Médio. Essa equipe intenciona contribuir com as discussões e ampliação de estudos e pesquisas sobre o fenômeno da violência, saindo da universidade e atuando nas escolas públicas do município de Paranaíba-MS-Brasil, principal *lócus* de se conhecer uma realidade, para poder agir na e com a comunidade, interna e externa.

Para apresentar o que foi realizado no subprojeto “Utilização da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) no processo ensino-aprendizagem de alunos com habilidades não identificadas”, foram reportadas às discussões iniciais no decorrer dos estudos do Grupo do PIBID, em reuniões periódicas realizadas no Laboratório Teorias e Práticas Educacionais, na UEMS/Paranaíba. A discussão era sobre como resolver situações emergenciais na escola, que estavam causando insatisfação, indisciplina, incivilidade e até mesmo violência.

Alguns pontos foram levantados nessas reuniões e, na sequência, o grupo, a partir de reflexões e questionamento, pensou sobre “O que plantar?”, ou seja como começar? Muitos debates ocorreram no grupo, mas houve a decisão – plantar sementes que pudessem dar bons frutos. Na educação esses frutos são observados no desenvolvimento dos alunos, na demonstração de interesse, incentivo em realizar trabalhos, vontade de estudar. Assim essa semente foi plantada, por meio de uma proposta com a utilização da TIC.

Após as definições iniciais, diálogos na escola, conversa com os familiares dos alunos, iniciou o trabalho, muito trabalho, pois estavam “Semeando...”, com propostas diferenciadas, permitindo o envolvimento dos alunos nas decisões, levando-os a serem sujeitos de seus processos de construção, a partir do uso das TIC, do entendimento da relevância de um processo emancipatório para esses alunos e, também, do envolvimento de todos na proposta, equipe escolar, pibidianos e obeduquianos.

Depois, a equipe foi “Adubando e regando...”, como pode ser verificado nos depoimentos de três pessoas que trabalharam diretamente neste subprojeto, uma como supervisora e coordenadora das ações na escola; outra como ministrante direto das ações desde o início, pois era bolsista do PIBID; e a última do OBEDUC, na condição de ministrante do subprojeto, que iniciou na segunda etapa do Subprojeto.

Para finalizar “Colhendo...”. Ações se laçaram e entrelaçaram em prol da inclusão por meio da escolarização significativa dos alunos da Escola, como pode ser identificado nas discussões teóricas apresentadas e nos resultados que esses alunos alcançaram, vistos por docentes e colegas da Instituição.

1. O que plantar?

Tudo começou com um grupo de docentes e discentes do PIBID, que se reúnem periodicamente, desde 2011, para avaliar as ações realizadas na escola pela equipe do PIBID;

para definirem trabalhos de divulgação das ações da equipe em eventos científicos; estudar textos que contribuem para esclarecer problemas que surgem na escola, envolvendo os alunos, professores, funcionários, a comunidade escolar e os pibidianos; debater temas relacionados à formação docente inicial, em exercício e contínua, entre outras atividades.

No decorrer de uma das reuniões surgiu o assunto sobre alguns alunos da escola que não conseguiam ler e escrever e já estavam no 3º, 4º e até 5º ano do Ensino Fundamental. Os estagiários do PIBID relataram que esses alunos não realizavam as atividades propostas em sala de aula porque não compreendiam o que a professora passava na lousa ou nos livros didáticos. Com a promoção dos mesmos pelos anos escolares, chegaram a níveis que exigia, no mínimo, leitura, escrita, compreensão e cálculo.

A partir desses relatos, a Profa. Coordenadora de área do PIBID do curso de Pedagogia da UEMS de Paranaíba colocou uma questão para a reflexão da equipe. - *“Como cada um deles procederiam se fossem matriculados em uma sala em que todos escreviam e falavam em chinês, como reagiriam?”* Ficaram pensativos e compreenderam que seria necessário tomar providências imediatas para contribuir com a equipe escolar, mas principalmente propiciar novas possibilidades aos alunos que não liam e não escreviam. A intenção maior era “[...] ensinar às crianças a linguagem escrita, e não apenas a escrita das letras”. (VYGOTSKY, 1998, p.157).

Algumas sugestões foram dadas, dentre elas ações para chamar a atenção desses alunos para o processo ensino-aprendizagem, para que eles se envolvessem nas atividades que seriam realizadas. Para os professores regentes desses alunos, eles eram desinteressados. A equipe de pibidianos pensou em algo que fosse atual, que eles gostassem, assim, os pibidianos chegaram ao uso da tecnologia como ferramenta para a aprendizagem desses alunos. Todos os pibidianos se envolveram e iniciaram a elaboração do subprojeto, que teria que ser aprovado pela equipe de gestores da Escola antes de colocar em execução.

Após várias idas e vindas entre título, objetivos, metodologia, a equipe chegou a um consenso, o subprojeto chamaria “Utilização da tecnologia da informação e comunicação (TIC) no processo ensino-aprendizagem de alunos com habilidades não identificadas”, para contemplar as principais especificidades dos alunos da Escola em defasagem entre série e aprendizagem.

Desta forma, após ser aprovado pelos gestores da escola, o subprojeto iniciou, a partir de uma perspectiva voltada para o desenvolvimento dos alunos por meio de um processo prazeroso, lúdico, desafiador, com o intuito de descobrir as habilidades desses alunos, ou seja, alterar a metodologia trabalhada com eles, para assim, poderem descobrir suas

potencialidades para a leitura e a escrita, minimizando problemas no processo ensino-aprendizagem em sala de aula.

A escola que o subprojeto iniciou tinha e têm recursos midiáticos disponibilizados em uma sala ampla, com vários computadores, de acesso ao público interno e externo da Escola e, em outra sala, recursos tecnológicos destinados ao uso interno da escola. Ao alterar a estratégia didática, os alunos ficariam inseridos nesse contexto, para ampliar seu mundo de significados. Dentre os vários recursos, o mais utilizado, por ser

Cada vez mais poderoso em recursos, velocidade, programas e comunicação, o computador nos permite pesquisar, simular situações, testar conhecimentos específicos, descobrir novos conceitos, lugares, ideias. Produzir novos textos, avaliações, experiências. As possibilidades vão desde seguir algo pronto (tutorial), apoiar-se em algo semidesenhado para complementá-lo até criar algo diferente, sozinho ou com outros. (MORAN, 2000, p.44).

Ao conhecer os novos recursos que seriam utilizados para leitura e escrita, o aluno iniciaria a construção de seu próprio conhecimento sobre a linguagem escrita de maneira prazerosa e interessante. Com os estudos de Vygotsky (1998), compreendemos que para o aluno ter interesse é importante que a escrita e a leitura seja importante para sua vida.

Os meios tecnológicos têm o poder de oferecer um universo que inclui recursos audiovisuais necessários para despertar nos alunos o interesse em decifrar os códigos e concretizá-los de maneira formal, para analisar como é a formação da língua escrita o oral, assim como, para buscar a aprendizagem, com a intenção de despertar as potencialidades dos alunos, independente do contexto que estão inseridos.

Portanto, sistematizar as informações contidas em uma proposta de alfabetização, possibilita oportunizar o desenvolvimento de habilidades concernentes a individualidades de cada aluno, sendo que cada indivíduo tem uma necessidade de ações e métodos diversificados para que aprenda. Dentre essas necessidades está o desafio, a curiosidade, a necessidade de conhecer novas possibilidades para a aprendizagem, pois é imperioso que se compreenda que as crianças têm processos de desenvolvimento em diferentes tempos, assim, instigar para a aprendizagem é papel do mediador, aquele que tem mais experiência em um determinado assunto, para que novas aprendizagens e desenvolvimentos vão ocorrendo, independente do tipo de incentivo que receba (tecnológicas, midiáticas, concretas), desde que se volte para o desenvolvimento das habilidades e potencialidades do aluno.

É preciso educar para usos democráticos, mais progressistas e participativos das tecnologias, que facilitem a evolução dos indivíduos. Quando a criança chega à escola os processos fundamentais de aprendizagens já estão desenvolvidos de forma

significativa. Urge também a educação para as mídias, para compreendê-las, criticá-las e utilizá-las de forma mais abrangente possível. (MORAN, 2000, p.50).

Fazer uso de recursos materiais contribui e oportuniza a inclusão, à medida que possibilita ao aluno estímulos para construir estruturas mais elaboradas, contribuindo na assimilação do conhecimento nas diferentes fases de aquisição de produção do saber. Alfabetizar utilizando os recursos de multimídia de um computador, e que ele seja matéria-prima para trabalhos de alfabetização e letramento, vem intencionalmente favorecendo no contexto social do aluno.

[...] à medida que o analfabetismo vai sendo superado, que um número cada vez maior de pessoas aprendem a ler e escrever, e a medida que, concomitantemente, a sociedade vai se tornando (cada vez mais grafocêntrica), um novo fenômeno se evidencia: não basta apenas ler e escrever. As pessoas se alfabetizam e aprendem a ler e escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura, para envolverem-se com as práticas sociais da escrita (SOARES, 1998, p.45).

Alunos dos anos iniciais do ensino fundamental necessitam de recursos diversificados para aquisição das habilidades requeridas no processo de formação da leitura e escrita. Esses recursos poderão fazer a diferença no que tange ao conhecimento, propiciarão novas maneiras para os alunos aprenderem, para que não saiam nas mesmas condições que chegam no subprojeto, sem o domínio e o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita. É importante que se pense nesse processo de ler e escrever como algo significativo para o aluno, não apenas um exercício mecânico, desvinculado do interesse e da prática social.

O mestre é somente o organizador do meio educativo social, regulador e controlador da interação desse meio com cada aluno. [...] Assim como qualquer outro trabalho, o do mestre tem um duplo caráter: é o organizador e um condutor do processo educativo. (VYGOTSKY, 1991, p. 159).

Os novos recursos tecnológicos a disposição da maioria dos alunos em diferentes locais, mais propriamente do computador, com o uso da internet, que para MORAN (2000, p.53), “[...] a internet é uma mídia que facilita a motivação dos alunos, pela novidade e pelas possibilidades inesgotáveis de pesquisa que oferece”, tem contribuído diretamente com a aprendizagem dos alunos, em todos os níveis de escolarização. Entendemos que sua utilização é necessária dentro do núcleo escolar, mas sempre com responsabilidade e compromisso. Por meio do computador e da internet o aluno terá acesso a diversos materiais de qualidade e ampla variedade de ferramentas para apoiar a mediação do professor, tornando-se uma prática pedagógica comum. Sendo assim, o professor possibilita que os alunos ampliem seus

conhecimentos, compreendam o mundo que os rodeia e sintam-se participantes dele, ficando claro que o professor é o organizador e o condutor do processo educacional.

Sin embargo, a medida en que se acumulan habilidades y se intensifican las prácticas, nuevos intereses parecen ir surgiendo. En este proceso, las Tecnologías de Información y Comunicación pueden ser aprovechadas por las clases populares movilizadas y, al mismo tiempo, imbuidas con nuevos valores y sentidos que ayuden a construir otros mundos posibles. Otros mundos donde las invenciones sean (re)conciliadas por sus inventores, es decir, apropiadas. (LARGHI, 2009, p.07).

O momento inicial de refletir sobre o que e como plantar, para obter resultados profícuos, foi realizado apenas pela equipe do PIBID, pois ocorreu em 2012, quando ainda não havia iniciado o Projeto do OBEDUC na Universidade (março de 2013). Foram momentos de muita discussão e leituras, pois o desafio era grande e o conhecimento sobre as novas tecnologias era restrito. Com o ingresso dos seis bolsistas do OBEDUC no subprojeto, houve uma ampliação do atendimento, envolvendo mais alunos da escola que estavam com dificuldades para ler e escrever. Também houve a inserção da atividade em outra escola, que era campo de atuação da equipe do Observatório da Educação.

2. Semeando...

Após a finalização da elaboração do subprojeto, da definição do aporte teórico e da metodologia a ser utilizada no decorrer das atividades, iniciou outro momento na equipe, o da execução do planejado, em que houve o apoio e o envolvimento de todos, equipe escolar, comunidade externa e os pibidianos. Esse momento foi muito importante, pois não basta escolher uma boa semente, a terra tem que ser boa para germinar. Essa terra boa veio da equipe do PIBID, que desde que chegou à escola buscou apoiar e colaborar com todos, realizando várias ações envolvendo os alunos e a equipe escolar.

A primeira ação da equipe do PIBID, neste subprojeto, foi o contato com os professores da escola, para que indicassem os alunos que necessitariam de participar do subprojeto. A lista entregue pelos professores foi grande, mas o quantitativo de pibidianos era restrito (08 bolsistas discentes), assim, foi definido por atender os casos mais graves, para depois ir trocando os alunos, conforme eles fossem obtendo conquistas no processo de aprendizagem.

Foi definido ainda que a execução do subprojeto seria em seis meses, com dois encontros semanais, ou seja, nas segundas e quintas-feiras, no período matutino, com duração

de 1h30 para os alunos indicados pelos professores do 3º ao 5º ano do vespertino. Na primeira etapa foi trabalhado o processo de formação de palavras e números, por meio de jogos com alfabetos e numerais. Em seguida passaram a formar frases e solucionar situações problemas e, assim, a cada etapa concluída foi aumentado o grau de dificuldade. Por se tratar de uma proposta que envolvia questões individuais da construção do conhecimento, não foi definido o tempo para cada etapa, pois cada aluno tem uma maneira e tempo individual para aprender a ler, escrever e interpretar. A principal ferramenta utilizada no trabalho foi a tecnologia, considerando que

[...] mientras que los jóvenes han nacido y crecido junto a las TIC y sus vidas están indisolublemente atravesadas por ellas –de allí que les resulte difícil pensar sus vidas sin las TIC o separar sus usos tecnológicos del resto de sus dimensiones vitales–, los adultos las viven como objetos extraños, incorporados desde fuera y cuya utilización debe estar mediada por una intencionalidad bien marcada –de allí que puedan discernir claramente entre el tiempo de uso y el de no uso de las TIC– (AGUERRE, 2010, p. 04).

Foi considerado que o tempo de utilização da tecnologia na proposta era importante e deveria ser controlado pela equipe do PIBID, no momento do planejamento, tendo suas intencionalidades bem delimitadas, pois seria esse pibidiano que mediaría o processo, na realização de ações de interferência. Vygotsky (1998, p. 73), afirmou que:

[...] O uso de meios artificiais – a transição para a atividade mediada – muda, fundamentalmente, todas as operações psicológicas, assim como o uso de instrumentos amplia de forma ilimitada a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar. Nesse contexto, podemos usar o termo função psicológica superior, ou comportamento superior com referência à combinação entre o instrumento e o signo na atividade psicológica.

Os pibidianos mediadores escolhiam materiais (meios artificiais) e definiam as atividades, como: computadores com sistema Linux Educacional 3.0, Alfacel, jogos juntando as sílabas, livro digital, português divertido, vogais, alfabeto, letras iniciais, palavras cruzadas, série educacional, atividades de descobertas, jogos de estratégias, atividades de diversão, descobrir o computador, Tux Math, Tux Paint, alfabetização fônica, ursinho Puff, jogos didáticos, descubra as palavras, qual é a letra, entre outros materiais e atividades que os pibidianos consideravam como necessários.

Os professores da escola viam com interesse o trabalho proposto pelos pibidianos, pois sentiam que essa proposta poderia contribuir para reduzir os problemas de fracasso escolar, que era recorrente na escola, com evasão, pouca aprendizagem, falta de possibilidade de acompanhamento didático ao trabalhado no ano escolar.

[...] é preciso que os alunos com maior risco de fracasso escolar tenham ‘experiência de êxito escolar’ [...] a história escolar dos alunos que não terminam a educação obrigatória ou a abandonam prematuramente está cheia de experiências frustrantes, de falta de confiança, de experiências negativas, de baixa autoestima, de sensação de impossibilidade, de antecipação do próprio fracasso. É preciso romper essa dinâmica e propiciar que o aluno tenha experiências positivas que melhorem sua autoestima e que o revigorem para manter o esforço em tarefas posteriores. Para isso, é necessário que o professor ajuste a tarefa às possibilidades de cada um e mantenha expectativas positivas para a aprendizagem de todos os seus alunos. (MARCHESI e PÉREZ, 2004, p. 32).

A equipe do PIBID, empenhada em realizar um trabalho de apoio constante à equipe pedagógica escolar e aos discentes, se mostrava interessada pelos subprojetos definidos. O subprojeto da tecnologia foi determinante para a conquista de todos, bolsistas e comunidade escolar, em um trabalho de envolvimento coletivo. Foi com esse envolvimento que em 2013, pensando na continuidade e expansão do subprojeto, foi convidado o coordenador do OBEDUC, com sua equipe de bolsistas discentes para trabalhar na Proposta, o que foi prontamente aceito. A proposta inicial de seis meses se estendeu chegando em 2013, com mais solicitação dos professores para o atendimento aos alunos. Essas solicitações culminaram com a aprovação do OBEDUC na UEMS, que somou esforços no trabalho coletivo.

3. Adubando e regando...

Foi com a intenção de compreender o que os envolvidos na Proposta pensaram sobre esse trabalho realizado que foi dadas possibilidades aos mesmos para exporem suas experiências. Foi colaboradora desse trabalho a Professora Supervisora da Escola, uma discente do PIBID e uma do OBEDUC. O roteiro para as narrativas delas foi igual e cada uma deu sua importante contribuição, como pode ser verificado nas respostas, transcritas na íntegra, que corroboram o que foi informado sobre todos os momentos do subprojeto.

Professora supervisora do PIBID

A professora é funcionária contratada pela Rede Estadual de Ensino, atuando nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Graduiu-se em Pedagogia pela UEMS em 2006. Fez Especialização em Educação, concluindo em 2008, pela mesma Instituição. Atua no PIBID desde 2011, quando iniciou a Proposta na UEMS/Pedagogia de Paranaíba. A professora fez

um descritivo das intenções e ações do PIBID com essa proposta de trabalho no Laboratório de Tecnologia.

“- Em 2011 após analisar em grupo as dificuldades encontradas na escola, resolvemos que algo teria que ser feito para reduzir algumas distorções de alfabetização que estavam ocorrendo na escola na qual atuo desde minha formação. Grande era minha indignação quanto a defasagem de ensino-aprendizagem que assolavam o quadro educativo daquela unidade. Por que tantas crianças estavam chegando ao 5º ano sem os requisitos necessários para darem continuidade aos estudos?”

- Tal quadro preocupava-nos, pois sabemos que a medida dificuldades de ensino/aprendizagem vai aumentando mais esse aluno corre o risco evadir-se da escola. O subprojeto surgiu então a partir dessas inquietações: porque tantas crianças com dificuldades de leitura e escrita nos 3º, 4º e 5º anos do ensino fundamental em idade/série estão defasados? Com isso optamos em desenvolver inicialmente o subprojeto com os alunos do 3º ano do ensino fundamental por acreditar que a aprendizagem da leitura e escrita tenha que se consolidar nessa etapa de ensino.

- O mesmo tinha como critério de seleção idade/série defasada e alunos com baixo índice de aquisição de leitura e escrita, esse levantamento era feito juntamente com o professor regente.

- Primeiramente fizemos um levantamento de quais ambientes seriam usados na unidade escolar, pois a escola tinha dois ambientes com recurso tecnológico, após essa ação apresentamos o subprojeto na reunião pedagógica já no início do ano letivo. No segundo momento realizamos a divisão dos estagiários que iriam acompanhar o subprojeto que funcionaria duas vezes por semana, sendo que cada estagiário ficaria responsável por um número X de alunos, sem mudança durante esse período, por acreditar que os vínculos que se criam com o aluno devem ser mantidos por um período longo para que o mesmo crie confiança.

- Para o atendimento do público do subprojeto foram feitas análises dos níveis de aquisição de leitura e escrita dos alunos e com isso, as aulas eram planejadas conforme as dificuldades apresentadas tanto pelos alunos como pelos estagiários durante o desenvolvimento do subprojeto. Alguns alunos estavam no 3º ano com idade avançada, com defasagem de 2 a 3 anos e a maioria estavam pré-silábicas e silábicas quantitativa e qualitativa, sendo que já deveriam estar alfabetizados.

- Os alunos chegavam sempre muito animados, pois eram recepcionados pelas estagiárias no portão, tanto na chegada como na saída. Esse cuidado reservado para eles fez com que os mesmos se sentissem acolhidos, importantes e para a educação de crianças tão desprovidas de atenção, fez com que eles gostassem de estar na escola.

- O interesse dos alunos era bem visível, motivados pelos novos métodos de ensino-aprendizagem, nos quais sua participação era sempre ativa, diferenciada, cada dia algo diferente, pois as estagiárias tinham essa preocupação em dinamizar as aulas com o intuito de transformar este momento de ensino-aprendizagem em tempo de prazer e deleite para todos.

- Durante o subprojeto houve um momento em que percebemos a necessidade de modificar nossa metodologia, pois ficamos atentas que somente a tecnologia não responderia as nossas inquietações e com isso passamos a trabalhar em um dos dias com a socialização das atividades escritas, com as quais tivemos grande surpresa com o desenvolvimento e participação das crianças, essas atividades eram totalmente lúdicas e dessa maneira não perdemos o foco da metodologia diferenciada.

- A contribuição dos discentes tanto do OBEDUC quanto do PIBID foram fundamentais para o desenvolvimento do subprojeto, no que se diz respeito a vontade, tempo e dedicação.

- Hoje posso dizer que o resultado foi satisfatório pelos seguintes motivos; encontrar os alunos participantes na série seguinte com suas dificuldades resolvidas; professores e pais pedindo a continuidade do subprojeto para que outros alunos tenham oportunidades.

- O grande desafio foi manter o compromisso do aluno em frequentar o subprojeto, sendo que só podíamos contar com o vínculo do estagiário e aluno durante esse processo, pois são crianças em condições de risco que não tem um adulto para orientá-los quanto a frequência de aulas no contra-turno.

- A maior dificuldade foi o espaço estrutural na unidade escolar, ou seja, um ambiente no qual pudéssemos construir um ambiente alfabetizador. Contávamos com uma sala de tecnologia comunitária, na qual não podia usar jogos online e o quantitativo de jogos que tínhamos eram poucos.

- Perceber o amadurecimento dos discentes estagiários, o crescimento pessoal e coletivo, o olhar cuidadoso com a educação do próximo durante esse processo, foi muito gratificante, mas sem dúvidas nenhuma ver o progresso dos alunos, sentir a alegria da primeira palavra lida pelo aluno nos faz pensar como Fernando Pessoa “Tudo vale a pena quando a alma não é pequena”.

A narrativa da professora foi importante para compreender que a equipe do PIBID entende que a educação deve primar pela qualidade para todos os alunos “[...], contudo resvala em inúmeras desigualdades (sociais, étnicas, raciais e de gênero) presentes na sociedade brasileira, como fruto cumulativo de um cenário histórico [...]”. (SANTOS; MOREIRA, 2014, p. 63). Mais precisamente, nos estudos dessa equipe, fica perceptível que esse cenário vem “[...] permeado por exclusões e composto por políticas públicas inconsistentes, que idealizam um campo discursivo, sem oferecer as condições necessárias para que esse discurso seja cristalizado empiricamente”. (SANTOS; MOREIRA, 2014, p. 63).

A partir da narrativa da professora, viu-se a necessidade de dar voz aos outros sujeitos que fizeram parte desse trabalho, delimitando-os. Para tanto, houve a contribuição da pibidiana que trabalhou na proposta do subprojeto de tecnologia desde sua aprovação.

Bolsista do PIBID

A bolsista do PIBID era discente do curso de Pedagogia, considerando que se formou em 2013 pela UEMS. Ingressou como bolsista desde o início do PIBID no curso de Pedagogia da UEMS de Paranaíba, em 2011. Participou ativamente de todas as atividades pensadas, planejadas e executadas pela equipe do PIBID. As atividades eram voltadas para minimizar problemas existentes na escola e também para a aprendizagem dos alunos, no trabalho coletivo realizado junto à coordenação, corpo docente, gestores e alunos da escola. É importante verificar as impressões de um trabalho a partir de outras perspectivas, agora da bolsista que executou a proposta no laboratório de tecnologia desde o seu início.

“- O início do subprojeto aconteceu devido a fortes reclamações quanto a indisciplina dos alunos tendo como um dos fatores a não aprendizagem da leitura e escrita, para isso foi realizada uma seleção dos alunos conforme seu déficit de aprendizagem, ou seja, os alunos selecionados eram do terceiro ao quinto ano do Ensino fundamental que possuíam dificuldades de aquisição da leitura, escrita e raciocínio lógico.

- Percebendo tais dificuldades que eram apresentadas rotineiramente pelos professores regentes, iniciamos o subprojeto, voltado para a tecnologia com o intuito auxiliar os alunos na aquisição do processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, a organização para o início do subprojeto na escola se deu primeiramente em uma reunião com a equipe escolar e apresentamos a proposta com o intuito de que os professores pudessem realizar uma

sondagem em suas aulas e detectar quais alunos apresentavam dificuldades para que houvesse atividades fora da sala de aula a fim de auxiliar no processo ensino-aprendizagem dos alunos, já que o subprojeto iniciou com objetivo de acrescentar, auxiliar e dar apoio pedagógico no processo de ensino aprendizagem dos alunos e não como um substituto das aulas direcionadas pelo professor.

- A equipe pedagógica da escola se empenhou na divulgação do trabalho com os pais e responsáveis a fim de que houvesse o apoio das famílias no incentivo para o trabalho. Além disso, houve a separação de um determinado lugar para que acontecesse as aulas e destinou-se a sala de informática por ser um lugar propício para o desenvolvimento das atividades selecionadas pelos bolsistas do PIBID e do OBEDUC. A sala de informática com acesso exclusivo dos computadores forneceu grandes resultados, já que os alunos tinham acesso as máquinas e elas geravam certo prazer em utilizá-las, com isso unindo o gosto e a necessidade desenvolveram diversas atividades que envolvessem os alunos com algo que sentiam gosto e a importância do aprender a ler e escrever.

- Os planejamentos eram realizados quinzenalmente onde havia reuniões dos bolsistas juntamente com a coordenadora do subprojeto e professores da escola, este momento era oportuno, pois as trocas e experiências contribuía para os planejamentos quanto às atividades desenvolvidas em sala. Nos apoiamos em projetos temáticos e a partir disso eram desenvolvidos atividades voltadas para leitura e escrita além das atividades e jogos realizados nos computadores que propiciavam a aprendizagem voltada para o raciocínio lógico.

- Os pontos positivos gerados pelo subprojeto aconteceram devido a um grande envolvimento do grupo que participava do trabalho, pois além das atividades, dos jogos pedagógicos tinha-se o trabalho coletivo que envolvia todos os alunos a fim de que todos pudessem trabalhar em conjunto na realização das atividades, com enfoque na comunicação, troca de saberes e socialização. Todos contribuía, pois no momento que se trabalhava juntos, se sentiam envolvidos e tinham vontade de participar, isso fortalecia os laços da comunicação e o trabalho em equipe.

Um dos pontos que marca a fala dessa bolsista que executou o subprojeto de tecnologia é sobre o trabalho coletivo e o grande envolvimento de todos do grupo, por compreender que esse tipo de proposta para ter êxito necessita de colaboração, não apenas da equipe do PIBID, mas também da comunidade externa e interna da escola, como apoio e incentivo às ações realizadas.

Para certificar sobre a relevância do trabalho realizado com os alunos indicados pelos docentes regentes, foi solicitado à bolsista do OBEDUC, que contribuiu com o subprojeto de tecnologia a partir da expansão das ações do subprojeto de tecnologia, a partir de 2013, momento em que o OBEDUC foi aprovado pela CAPES para execução na UEMS de Paranaíba.

Bolsista do OBEDUC

A bolsista ingressou no subprojeto em abril de 2013, sendo discente do primeiro ano do curso de Pedagogia da UEMS. Realizou o trabalho, por meio da parceria PIBID/OBEDUC, com ações no laboratório de tecnologia. Participava dos planejamentos junto com a equipe de discentes e Profa. Supervisora do PIBID.

“- Era dadas aulas aos alunos que as professoras regentes detectavam com maior dificuldade, quem aplicava o conteúdo eram algumas bolsistas do PIBID e do OBEDUC. As aulas ocorriam nas terças e quintas-feiras, em dois horários, na parte da manhã iniciava às 08h e terminava às 09h30, no período da tarde ocorria das 13h às 14h30.

- A maioria dos alunos chegava desanimada, reclamava que as atividades eram difíceis, atividades essas propostas por nós bolsistas (dadas de forma dinâmica), mas também haviam alguns alunos participativos, alunos esses que apresentavam menor dificuldade em relação a escrita e a leitura.

- A idade dos alunos era cerca de 8 a 9 anos de idade, com exceção de apenas um aluno com idade de 11 anos, aluno esse que não sabia ler e conseguia escrever poucas palavras corretamente, além de ser um aluno que não obedecia e muitas vezes demonstrava desinteresse. Em relação aos demais alunos o que mais me chamou atenção foi a vontade que todos, mesmo desanimados, tinham um interesse enorme para aprender a ler. O auxílio dos bolsistas do PIBID foi essencial para nós do OBEDUC já que a maioria deles tinham maior experiência, estavam nos anos finais do curso de Pedagogia.

- Os resultados que obtivemos, foi um avanço enorme em boa parte dos alunos em relação a leitura e escrita, em que os professores regentes nos parabenizaram pelo trabalho, que surtiu bastante efeito. O maior desafio que eu enfrentei foi o de conseguir despertar interesse nos alunos de maneira saudável, já a maior alegria foi ver que ao decorrer do subprojeto muitos

chegavam animados e super interessados, principalmente quando trabalhávamos com a leitura”.

Nos depoimentos da professora supervisora, da discente do PIBID e do OBEDUC, fica perceptível a valorização pelo trabalho realizado, em que se verificava a necessidade do envolvimento coletivo do grupo. Esse trabalho colaborativo foi realizado em uma construção paciente, com ações combativas. É importante que esses tipos de trabalho não se prendam em sonhos e ideais, mas que busque uma incessante renovação e transformação, dos alunos que participaram do subprojeto, mas acima de tudo, da equipe do bolsistas do curso de Pedagogia, que estiveram a frente do subprojeto.

4. Colhendo...

Pensou-se no que plantar, no semear, no regar e adubar, depois foi o momento da colheita, momento essencial para novas possibilidades, principalmente considerando que o que seria colhido eram os resultados do trabalho com seres humanos, que estavam ávidos por aprender, mesmo quando negavam isso. Mas para que isso ocorresse era necessário os cuidados especiais, evitando estragos momentâneos que pudessem perdurar por toda a vida desses alunos.

Dos possíveis estragos está a falta de confiança do professor no aluno, com formas e posições negativas às suas possibilidades educacionais. Também a responsabilização às teorias por não conseguir respostas imediatas aos seus anseios e situação, “[...], ninguna teoria es posible si parte exclusivamente de premisas negativas, asi como no es posible practica educativa alguna construida sobre la base de principios y definiciones puramente negativos”. (VYGOTSKY, 1997, p. 13).

Deixando de exercer o negativo, de não acreditar nas possibilidades do aluno e também de apenas exercer o incentivo, não será suficiente, pois o professor precisa identificar e destacar as habilidades do aluno, assim, o envolvimento desse aluno na sala regular, nas atividades realizadas, vai depender do interesse do professor, principalmente pensando na adaptação curricular. Para que todos

[...] possam auxiliar os profissionais da educação na oferta de novas práticas educacionais responsivas para atender e acolher a diversidade do seu alunado, subsidiando o trabalho pedagógico dos professores das unidades de ensino na

organização da flexibilização do currículo para alunos que ainda se encontram muito distantes do nível acadêmico esperado pelas tradicionais propostas educacionais [...]. (LEITE; MARTINS, 2010, p. 366).

É importante que se compreenda que a flexibilização do currículo não pode voltar-se apenas para situações de alunos com deficiência, mas para todos os alunos que necessitem, que estão com dificuldades de aprender. É importante que a escola busque “[...] respeitar as singularidades de cada aluno e atender as demandas políticas e sociais da atualidade, a escola aparece como espaço de convívio no qual os aspectos citados acima têm a possibilidade de serem efetivados”. (LEITE; MARTINS, 2010, p. 358).

Com essa compreensão e paralelo ao trabalho realizado pelo PIBID na escola, ocorria uma pesquisa de Doutorado, realizada por uma docente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), envolvendo estudos com os docentes da escola. No início o envolvimento dos docentes nos estudos foi bom, mas com o passar do tempo, nas reuniões de estudo, esses docentes foram deixando de participar, justificando a falta de tempo.

Essa posição dos docentes demonstrou uma falta de interação, verificada no pouco empenho, na falta de parcerias e alianças, na incompreensão da necessária postura de construção e desconstrução de saberes e experiências. Para Gramsci (1999) toda relação de hegemonia é necessariamente uma relação pedagógica, pois encerra em si possibilidades de emancipação coletiva, não só para um grupo, mas sim para toda a sociedade, é preciso que se tenha vontade do coletivo, que saiba construir um trabalho voltado para a totalidade.

A partir dessa compreensão é que a equipe do PIBID convidou a equipe do OBEDUC, para juntos, buscarem outras possibilidades para colaborar com os problemas emergenciais dos alunos que não liam e não escreviam, abrindo possibilidades para sanar essas deficiências, mas acima de tudo, oportunizá-los a compreender, a ir além do ler e escrever, com atividades críticas e criativas. Uma boa colheita só se dá com o envolvimento de todos na escola, na família e na sociedade.

Além do trabalho conjunto entre a família e a escola é importante possibilitar aos discentes envolvidos na proposta conhecerem diferentes paradigmas de TIC, para definir sobre melhores alternativas de trabalho, ou seja: “[...], plantear una estrategia de reducción de la brecha que no implique sólo un acercamiento a las TIC”. (TRIANA, 2012, p. 06). Quando utilizamos em nossos trabalhos as TIC, não podemos ficar restritos a materiais obsoletos, mas sim buscar novas alternativas nesses recursos.

Também foi importante considerar o trabalho realizado com os alunos, a partir da compreensão de suas habilidades, com a mediação dos discentes do PIBID e do OBEDUC,

possibilitando a aprendizagem dos alunos indicados e dos discentes bolsistas do curso de Pedagogia, além de considerar que

As mudanças na educação dependem também dos alunos. Alunos curiosos e motivados facilitam enormemente o processo, estimulam as melhores qualidades do professor, tornam-se interlocutores lúcidos e parceiros de caminhada do professor-educador. Alunos motivados aprendem e ensinam, avançam mais, ajudam o professor a ajudá-los melhor. Alunos que provêm de famílias abertas, que apóiam as mudanças, que estimulam afetivamente os filhos, que desenvolvem ambientes culturalmente ricos, aprendem mais rapidamente, crescem mais confiantes e se tornam pessoas mais produtivas. (MORAN, 2000, p.17-18).

Com essa compreensão, buscando especificidades no aluno, na família e na escola é que essas frutas (discentes) poderão contribuir, sendo as novas sementes, ampliando possibilidades em outros espaços educacionais ou não educacionais, trabalhando colaborativamente em prol da emancipação dos sujeitos, que historicamente não conseguiram sequer ter seus direitos mínimos garantidos, dentre eles o de ter uma educação de qualidade.

Considerações finais

Não finalizamos o trabalho, pois na educação não podemos pensar em algo que finda, mas sim em algo que cria possibilidades para outras ações. Dentre as outras possibilidades estão os trabalhos possíveis de se realizar utilizando a tecnologia, de forma consciente e crítica. Esse trabalho sendo colaborativo, aliando a equipe escolar, pibidianos e obeduquianos em prol de um trabalho coletivo, tendo como principal foco o aluno real, o que chega na escola com dificuldades, com pouco apoio familiar, mas que tem habilidade, que pode aprender, se desenvolver, a partir de um trabalho efetivo e criativo.

A TIC nesse processo foi importante, mas teve como primordial a equipe de trabalho, a que seleciona conteúdos, instiga, questiona, ou seja, nenhuma tecnologia substitui o professor, aquele que media as ações, que incentiva o aluno, que faz com que o conhecimento seja significativo, pois sem a mediação de alguém mais experiente, ou que tem mais conhecimento sobre um assunto, não ocorre à aprendizagem e, em consequência, o desenvolvimento.

Quando nos referimos às habilidades, são habilidades daqueles alunos que abandonados à sorte, iam para a escola para que a família recebesse as bolsas governamentais, mas que sequer sabiam o que estavam fazendo ali, que eram invisíveis para seus

“professores”, se é que tinham professores, pois quem abandona um aluno, sem buscar possibilidades para sua aprendizagem não pode se encaixar nessa categoria profissional.

A categoria profissional de professor, precisa resgatar seu valor, realizar trabalhos relevantes para os alunos, para a sociedade, mas principalmente para compreender a construção de sua identidade profissional, para que possa estar em harmonia consigo mesmo, que possa ser respeitado por seus pares, mas principalmente que possa realizar ações coletivas, em trabalhos colaborativos, envolvendo estudos e planejamentos em grupos, uns apoiando os outros.

Nesse apoio e trabalho colaborativo é que aparece o exemplo da equipe do PIBID e do OBEDUC, que juntos, em um trabalho de responsabilidade social, buscaram atender alunos excluídos, que clamavam por oportunidade de aprender a ler, escrever, calcular e compreender, pois já não suportavam mais viver a margem do mundo letrado.

Com essa proposta é possível realizar um trabalho que obtenha resultados positivos em prol dos alunos que muitas vezes estão esquecidos, em um canto da sala, passando por invisíveis frente ao professor da sala, que já desistiu do aluno, que para ele, esse aluno não deveria estar ali, pois não aprende.

O que ficou mais marcante desse trabalho foi ver que quando existem objetivos comuns em prol de uma causa, principalmente social, o resultado tende a ser positivo. Isso foi o que aconteceu em uma escola de periferia, de um município do interior do Estado, mas que tinha muito interesse e envolvimento coletivo.

Referências

AGUERRE, Carolina e outros. La apropiación de las TIC por jóvenes de sectores populares urbanos en espacios de acceso público. **Revista Argentina de Estudios de Juventud**. La Plata-AR: Facultad de Periodismo y Comunicación Social de la Universidad Nacional de La Plata, 2010.

ARAUJO, Doracina A. C.; COUTINHO, Laurenice F. C. **Utilização da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) no processo ensino-aprendizagem de alunos com habilidades não identificadas**. Paranaíba-MS: PIBID/Escola Ermírio Leal Garcia, 2012.

CAPES. **Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID**. Brasília-DF: Capes, 2014a.

CAPES. **Observatório da Educação**. Brasília-DF: CAPES, 2014b.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LARGHI, Sebastián Benítez. **Los sentidos de la comunicación en la apropiación de las TIC por las organizaciones de trabajadores desocupados**. La Plata-AR: Facultad de Periodismo y Comunicación Social de la Universidad Nacional de La Plata, 2009.

LEITE, Lucia Pereira e MARTINS, Sandra Eli Sartoreto. Adequação curricular: alternativas de suporte pedagógico na Educação Inclusiva. **Rev. Educ. Espec.**, Santa Maria, v. 23, n. 38, p. 357-368, set./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em: 10 set. 2014.

MARCHESI, Álvaro; PÉREZ, Eva María. A Compreensão do Fracasso Escolar. In: MARCHESI, Álvaro; GIL, Carlos Hernández & Colaboradores. **Fracasso Escolar: uma perspectiva multicultural**. Porto Alegre-RS: Artmed, 2004.

MORAN, José Manuel e outros (Org.) **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6. ed. Campinas-SP: Papirus, 2000.

SANTOS, Raquel Marques Ribeiro; MOREIRA, Maria Helena Bimbatti. Tecendo aproximações entre preconceito e deficiência no processo de inclusão escolar. In. NOZU, Washington Cesar Shoiti; BRUNO, Marilda Moraes Garcia. **Educação especial e inclusão escolar: tensões, desafios e perspectivas**. São Carlos-SP: Pedro&João, 2014.

PIBID. **Projeto do PIBID**, curso de Pedagogia da UEMS de Paranaíba. Paranaíba-MS: PIBID, 2011.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte-MG: Autêntica, 1998.

TRIANA, Yago Quiñones. La Cultura percutiva ante la brecha digital. **Revista Argentina de Estudios de Juventud**. Disponível em: <<http://www.perio.unlp.edu.ar/revistadejuventud>> Acessado em: 28 ago. 2014.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Obras escogidas: fundamentos de defectologia**. Madrid-ES: Visor, 1997.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.